



REDACTOR PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL  
End. telegr. *Talaba—Lisboa*—Telefone: 17

Officinas de Impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Continúa a mordaca

Como relatámos, *A Batalha*, *O Tempo* e *A Situação* estão novamente sujeitos ao regime da mordaca. Quando o redactor principal desta folha foi chamado ao governo civil, ali lhe foi comunicado que o sr. António Granjo, antigo jornalista e actual presidente do Ministério, ordenara a censura e apreensão dos jornais que não respeitassem determinadas regras, bastante vexatórias para quem quer dizer verdades.

Será conveniente repetirmos, como antes, os dizeres dum papelito que o redactor deste jornal foi apresentado:

«Os jornais não podem publicar:  
1.º Insinuações contra os membros do governo;  
2.º Contra as autoridades legalmente constituídas;  
3.º Insinuações desproporcionadas contra as forças públicas, ou seus representantes;  
4.º Linguagem despejada, ou qualquer forma contrária ao brio e dignidade das instituições republicanas;  
5.º Ficarem desde já sujeitos à censura, em conformidade com as prescrições indicadas nos números anteriores, os jornais *O Tempo*, *A Situação* e *A Batalha*».

Assim o estabeleceu o sr. António Granjo; assim legislou e assim foram cumpridas as suas ordens. *A Batalha* não se sujeita à censura prévia há três dias. Um agente da policia leva o nosso jornal todas as manhãs ao governo civil, ali é lido e comentado, não se podendo começar a fazer a tiragem enquanto o mesmo agente não voltar com ordem por escrito nesse sentido.

Ou porque tenha sido desagradável ao governo, o facto de aqui termos relatado os acontecimentos tal qual se foram passando, ou porque haja o intuito de fazer crer ao povo que a censura prévia não existe, a verdade é que a policia da segurança do estado, enviou para os jornais uma nota absolutamente destituída de verdade, visto que está em completa desacordo com os actos até hoje praticados pelas autoridades.

Eis a referida nota:

«Tendo a imprensa publicado que alguns jornais se acham sujeitos à censura por ordem do governo, esclarece-se que tal boato não tem o menor fundamento, porquanto o princípio estabelecido é que os jornais serão proibidos de circular, quando contiverem ultrajes às instituições republicanas, e injúria, difamação ou ameaça contra o chefe de Estado, as autoridades legalmente constituídas e forças públicas, ou quando sejam redigidos em linguagem despejada, provocadora contra a segurança do Estado, da ordem e da tranquilidade pública».

É provável que o sr. António Granjo tivesse reconsiderado no erro cometido e tenha intenção de levantar a censura à imprensa, mas verdade é que ainda o não fez. Quanto ao desmentido acima transcrito é uma forma de mentir que muito mal fica a quem pretende censurar os jornais que mantêm ou fazem insinuações desproporcionadas.

Tanto que a nota não é verdadeira, ainda ontem o jornal *A Situação* foi previamente censurado e impedido de circular.

Achamos oportuno transcrever aqui a nota enviada pela *Situação* ao jornal *A Luta*, nota que este publicou:

«*A Situação* foi hoje impedida de circular depois de ser feita a censura pela policia de segurança do Estado, contra as disposições da lei de imprensa. Não chegou a ser impresso o jornal, nos termos da lei de censura prévia, já revogada, foi indicado o artigo ou artigos contrários às disposições a acatar por determinação do sr. presidente do ministério.

A censura prévia existe e não somos apenas a afirmá-lo. Não são unicamente os jornais que a nota do governo civil indicava que a ela estão sujeitos. Também *A Vanguarda* foi censurada. A prova-lo está o seu artigo de fundo de anteontem, do qual recortamos o seguinte período:

«Não, eu ainda não quero acreditar que a primeira medida do sr. dr. António Granjo fosse amordaçar-nos. E, enquanto, não pôde ser o facto de ontem a policia nos cercar a casa onde se imprimia a *Vanguarda* e de nos levar um exemplar para ser censurado não quer dizer que o sr. António Granjo quecesse todo o seu passado liberal, e fosse semelhante a outros homens da segurança que são nossos inimigos, mas que também são inimigos do sr. Granjo».

É então destituída de fundamento a nota que aqui temos publicado? É mero boato: Os factos afirmam a existência da mordaca e nós apenas muito friamente, tam serenos quanto é possível, conservamos-nos ante tais inimizades, va-

## NOTAS & COMENTARIOS

**Registrando** Ao tomar posse, o ministro do interior teve um rasgo de eloquência, que nós, amantes da verdade e boas frases, incorreríamos num crime merecedor de censura, se não o registássemos nestas columnas. Dirigindo-se ao sr. Pedroso de Lima, o grande estadista proferiu:

«A guarda republicana é a garantia da ordem».

!!!

**O que há** Não há nada para comer, não há carvão, não há madeira, não há dinheiro, não há moralidade, não há energia, não há saúde. Não há casas para habitar nem respeito pelo pensamento alheio, não há escolas nem falta de tabernas, não há literatura nem arte, não há indústrias nem luz, não há nada.

Há políticos imbecis, assambareadores criminosos, prisões cheias, leis esceleradas, tribunais de excepção, escritores hipócritas, artistas mediocres, trabalhadores estafados, professores sem virtudes, revistas imorais, cinemas desmoralizadores, batatas às escondidas, prostitutas pelas ruas e pancada para presos.

**O que não há** O que não há é fruto do que há.

**Falta de número** Referindo-se à falta de número no parlamento, *O Mundo* de ontem dizia:

«Seja como for a verdade é que essas faltas de número causam um efeito péssimo, porque revelam desprezo pelos interesses superiores do país, os quais não podem estar à mercê da mandrária insolente dos parlamentares. Bem basta o tempo que costumam perder em discussões inúteis quando não perniciosas».

A mandrária insolente dos parlamentares, discussões inúteis quando não perniciosas... Entendido.

## A mina de Alcácer do Sal

Não sabemos ainda quais as providências, em definitivo, que os governos tem tomado com referência ao filho huliher de Santa Suzana.

Não é de admirar, porém, que o assunto de tal magnitude seja posto de parte, para assim poderem ser satisfeitos os desejos da alta finança, que está preparando o salto no sentido de enriquecer o país dum riqueza que o poder aliviar bastante das dificuldades financeiras em que se debate.

Tem-se *A Batalha* dedicado com interesse a este assunto e não o largará enquanto os governos não o tocarem a sério e lhe derem o desenvolvimento necessário.

Os nossos camaradas ferroviários do Sul e Sueste, por intermédio do seu órgão na imprensa, veem de expor claramente a questão, tendo para esse fim entrevistado o engenheiro sr. Frederico Cambournac, que foi enviado pelo governo a estudar a mina, e o maquinista principal João Marques da Silva Júnior, resultando das suas declarações provas incontestáveis de que o combustível em nada difere do melhor que se tem importado por preços fabulosos.

Interessam-se também aqueles camaradas porque a exploração se faça por conta do Estado no mais curto prazo de tempo possível, para se evitar a supressão de comboios que já existe e também como uma grande medida de economia.

Não deve desprezar-se tam boa ocasião e mal de nós irá se mais uma vez o capitalismo consegue lançar as suas garras aduncas a tam precioso filão, para assim poder à vontade sugar as riquezas que são património do povo.

Os governos tem a obrigação de tomar a valer conta do caso, não se fazendo demorar nas medidas necessárias. Não procedendo assim, mais uma vez demonstrarão que só estão no poder para servir o interesse financeiro de meia dúzia de gananciosos em prejuízo das necessidades do povo.

A esta officina vieram ontem alguns camaradas do Sul e Sueste trazer-nos um enorme bloco do carvão de Santa Suzana, que hoje poderá ser apreciado pelo público na montra da Tabacaria Neves, ao Rocio, onde estará em exposição.

Sobre este caso, comunicam-nos também camaradas do Barreiro que estão ali a descarga alguns milhares de toneladas de carvão, que nos informam ser de péssima qualidade, tendo as mesmas propriedades caloríficas de lenha verde, não dando, pois, os resultados indispensáveis. Em virtude disso, o presidente da Associação de Classe dos Ferroviários do Sul e Sueste telegraphou ao respectivo director participando-lhe esse facto e até mesmo para que providenciasse no sentido de não ser descarregado, porque a sua utilidade é de nenhum valor, acarretando grandes prejuizos.

Por isto se demonstra a imperiosa necessidade de se proceder à rápida exploração da mina de Santa Suzana, pois não deve desprezar-se o que há de bom em casa, para se pagar carissimo o que não presta.

## Os assambareadores riem-se

**E os consumidores emsurram-se estupidamente**

MADRID, 23.—Em virtude de ter sido tabelado, o azeite desapareceu rapidamente do mercado. Ontem foi posto à venda em várias lojas, as quais acorreu a população que, formando enormes bichas, se agrediu, multiplicando-se os incidentes e originando vários tumultos em que teve de intervir a força.—*Rádio*.

## União dos Sindicatos Operários

**Na sua última reunião occupa-se da carestia da vida, da questão da «Voz do Operário», lavrando-se protestos contra a censura à imprensa e a pretensão da policia de assistir às reuniões :: dos corpos administrativos dos sindicatos ::**

Prosseguiu ante-ontem, em reunião do conselho de delegados, a discussão sobre a ordem de trabalhos que tinha ficado suspensa na reunião p. p., devido ao adiamento da hora. Foi lida uma credencial do Sindicato do Pessoal Extraordinário dos Tabacos acreditando como delegado suplente o camarada Salvador José, em substituição do camarada que desempenhava esse cargo.

Pelo secretário geral é dado conhecimento ao Conselho de que o Sindicato dos Manipuladores de Borracha já tinha enviado o documento a respeito da representação desse sindicato numa manifestação ao governo. Esse documento termina por comunicar que a classe expulso do seu sindicato o presidente da direcção com a cláusula de não mais poder fazer parte da sua população associativa, resolução e documento que satisfizeram o Conselho. Passando-se à ordem dos trabalhos, o secretário geral illucida o Conselho no que diz respeito à «Sociedade A Voz do Operário», pois que conhece de vez muitas anomalias ali cometidas, citando-as ao Conselho para que ele discuta e resolva o caminho a seguir em face do que se passa naquela instituição.

Descreve o princípio da Sociedade, a forma anti-liberal como a sua lei estatuinte se encontra elaborada e ainda certos abusos ali praticados, o que faz com que «A Voz do Operário» não produza e deixe de desempenhar o lugar que lhe compete, como instituição operária, por operários fundada e por operários mantida. Da conhecimento ao Conselho dos trabalhos realizados até à data pela U. S. O. e o que está projectado fazer-se, caso o pessoal dos tabacos não modifique a sua attitude, visto que é essa classe que mais atingida é neste assunto. Apela em nome da U. S. O. para os delegados presentes que façam desde já a propaganda sobre todos os casos que aponta, a fim de que a maioria dos sócios que compõem essa instituição sejam conhecedores das tropelias cometidas pelos actuaes corpos gerentes. Ainda diz que realizando-se amanhã uma nova reunião da comissão de sócios auxiliares nomeada por uma assembleia para tratar da reforma da reacção seria por que se dirige essa instituição, trará à apreciação do Conselho o que nessa reunião se resolver.

Augusto Ferreira Lopes.—Conhecia alguma coisa de importante sobre a «Voz do Operário», mas depois da exposição feita pelo camarada secretário geral mais ficou conhecido. Não pode o operariado ficar silencioso sobre o que a sociedade se está passando há um certo tempo a esta parte. Entende por isso que se deve desde já activar a propaganda nesse sentido.

Carlos de Araújo.—Entende que os delegados presentes devem desde já começar a fazer a propaganda nas suas classes sobre tam grave e importante assunto.

Alfredo Pinto.—Apezar do que se tem dito, que já é muito, há um outro facto tam importante e que é o aumento da cota de Agosto em diante. É mais uma tropelia a juntar a tantas outras, visto que esse aumento não se autorizou. É de opinião de que os sócios não devem pagar esse aumento sem que por eles seja autorizado.

Salvador José.—Refere-se às palavras do secretário geral na parte em que disse que a «Voz do Operário» tem sido administrada por políticos. Ele tem sido sempre correcto e sério no seio da Sociedade, não querendo dizer com isso que não os haja lá. Sendo sócio efectivo participou tam bem contra a forma como se tem conduzido e se conduzem os corpos administrativos, e é de opinião de que a Sociedade não pode nem deve continuar como até à data.

O secretário geral.—Responde a este camarada dizendo que não errou nas afirmações que fez, porquanto tem-se visto em muitas ocasiões a presença de politicos adentro da Sociedade, havendo outros casos de ofensa à classe operária, razões estas de sobejo para que a U. S. O. agite o operariado, dando-lhe a conhecer os casos ali passados. Já foi tam bem sócio efectivo e sempre protestou contra o que se passava naquela instituição.

Alexandre Assis.—Congratula-se por conhecer tam bem de perto o que se passa na «Voz do Operário». Relata o que se passou em tempos idos tam bem por causa da Sociedade estar nas mãos dum pequeno grupo que dispunha dela a seu belo prazer, como actualmente sucede. Recorda lutas titânicas que houve, chegando os corpos gerentes a pedir a intervenção da autoridade para expulsar os sócios auxiliares.

Como sócio dessa Sociedade e como delegado do sindicato da C. G. T. U. S. O. dá todo o seu apoio aos trabalhos e à campanha a realizar, visto que a «Voz do Operário» não pode continuar a estar na mão de quem não a deixa progredir, sendo preciso modernizar a sua estrutura.

António Ferreira.—Dá o seu apoio a todos os trabalhos que se realizem no sentido de se modificar a estrutura da «Voz do Operário». Diz que tendo estado como delegado da U. S. O. junto do pessoal extraordinário quando da sua greve, constatou que o jornal não só não publicava as notas desses camara-

## O QUE VAI LÁ POR FORA

**PELA FRANÇA**  
A attitude ambigua da C. G. T. na greve ferroviária — Perseguição feroz contra os extremistas

Duma carta de França extratamos os seguintes períodos:

Durante toda a greve dos ferroviários, não se viu nos boletins cotidianos da C. G. T., fracos e monótonos, senão apelos contínuos e desesperados à calma, à disciplina e à obediência cega às deliberações do comité grevista.

«Tende confiança nos vossos representantes; a vitória depende da observação das nossas ordens e da renúncia a toda a violência», diziam os pastores ao rebanho. E no entanto os mineiros de ferro eram utilizados, os mineiros forneciam o carvão, e a electricidade punha a funcionar os «trams» e as máquinas nas officinas. Não era a normalidade dos serviços, mas a guarda cívica dos «snobs» assegurava uma anormalidade discreta. O ex-socialista Millerand podia facilmente ordenar a prisão das «cabeças quentes» certo de impunidade. Jouhaux e sócios,—que ele evitava retirar da circulação,—serviam-lhe de garantia. E a calma mais enervante se revelou durante todo o período de luta, dando em resultado a inevitável derrota.

A acção das massas devia-se ter dirigido antes de tudo contra os dirigentes do movimento; a violência proletária deveria ter destruído a própria plataforma da greve.

Nacionalização? Que interesse poderia ter para os operários que a exoloração em vez de ser exercida pelos especuladores particulares, o seja pelo estado centralizador? Restauração do país esfacelado pela guerra? Reorganização da industria?

Mas este é o melhor meio de reforçar o capitalismo, retardar a desaparecimento do nefasto governo, fazer esquecer muito depressa a miséria desastrosa causada pela carnificina europeia.

A nacionalização da industria não devia nem podia ser compreendida pela massa em greve, e Jouhaux e acólitos, escravos do governo da «república monárquico-francesa», bem sabiam isto, e, sabendo-o, aproveitaram a ocasião simplesmente para dirigir um grande golpe contra a tendência extremista, que começava a manifestar-se no seio da C. G. T.

Derrota, trazendo o desânimo dos organizados, e pondo em «segurança» os extremistas mais perigosos, assegurou a dominação do grupo patriótico de Jouhaux. Sobre tudo conseguiu fazer cair a responsabilidade do inicio e do fim da greve sobre as «cabeças quentes».

No entanto trabalha à vontade a reacção. Centenas e centenas de grevistas tem sido presos e condenados a penas ferozes.

Monatte, Sirolle, Lorient, Boris Souvarine, Moumousseau, Totti e muitos outros extremistas foram detidos e acusados do crime de «complot» contra a segurança do Estado. A ameaça de dissolução da C. G. T. foi emitida só em surdina e agora já ninguém fala nisso.

Era necessário para salvar as aparências, fazer crer que a repressão não era só dirigida contra os extremistas. Todos os presos foram postos em «regime comum», proibindo-se-lhes até a comunicação com os advogados.

E a «Action Française», reclama todos os dias a sua cabeça, em perfeita harmonia com Gustavo Hervé, o príncipe de «Rabagas».

Os nossos camaradas Lortal e Content, foram julgados e condenados, o primeiro a prisão e o segundo a deportação.

**Viva o jornal A BATALHA!**  
A comissão administrativa do Sindicato Unico das Classes Mobiliarias de Lisboa.

Combro, 38-A, 2.º, a primeira sessão de protesto contra a carestia da vida, convidando-se, por este meio, as federações e sindicatos a enviarem os seus delegados.

Durante a próxima semana promover-se-ão sessões em vários sindicatos e no domingo 1 de Agosto realizar-se-á uma grande reunião pública num dos bairros da capital.

primeiro a 10 meses de reclusão e o segundo a 36 meses só por terem escrito e publicado um apelo aos soldados da classe de 1900.

Não é exagero afirmar que a França é uma só e grande prisão. O governo sente-se forte e aproveita-se; sente-se forte pelo apoio da reacção mundial, pelos incitamentos dos orleanistas, pelos partidos burgueses, pelas baionetas e acima de tudo, sente-se omnipotente graças à passividade e fraqueza do partido socialista, às traições dos dirigentes da C. G. T. e à resignação excessiva do povo».

**PELA ALEMANHA**  
As imposições da Entente—Favras de Clara Zetkin.

Clara Zetkin — um dos dois deprimidos que os comunistas conseguiram introduzir no Reichstag nas últimas eleições, respondendo aos ataques dos nacionalistas, pronunciou recentemente no parlamento um vibrante discurso, que os defensores da politica parlamentar tem apontado como um exemplo da eficacia do uso desta instituição na luta revolucionária.

Referindo-se às imposições dos governos da Entente, disse ela, em resumo:

«Os capitalistas alemães alcançaram o que mereciam. Os socialistas maioritários preferiram tratar com os imperialistas da Entente a cooperar com os Sovietes da Rússia. O único meio dos trabalhadores alemães se subtrahirem do jugo da paz de Versalhes seria derrubar o poder dos capitalistas alemães e da classe militar. Foram os capitalistas que pediram à Entente permissão para manterem em pé de guerra os 200.000 homens da guarda pretoriana. Os trabalhadores, ao contrário, desejavam que estes bandos fossem desarmados, tentando ainda fazê-lo, pois que sabiam que nada tinham a esperar dos imperialistas da Entente».

Ora, na realidade, é sempre agradável ouvir dizer que verdades como estas foram pronunciadas em alta voz numa assembleia de ferozes reaccionários como os que compõem o parlamento alemão, mas o mal é que estas palavras—além de se perderem naquella atmosfera de interesses e ódios mesquinhos—vão actuar sobre o espirito das massas, quais cantos de serenas, para as adormecer e manter na velha esperança messiânica de que a salvação lhes virá de cima.

**PELA ROMÉNIA**  
Socialistas reformistas e socialistas revolucionários.

Nas últimas eleições parlamentares os socialistas romenos conseguiram, a custa de muito trabalho, eleger 20 deputados.

Para este fim, procuraram eles, durante todo o período da campanha eleitoral, reír o espirito revolucionário das massas, para que estas, com os seus motins, não fossem estorvar a subida dos novos candidatos às cadeiras parlamentares.

Recorreram a todas as calúnias e aos meios mais torpes, para desacreditarem perante o operariado os elementos revolucionários, chegando até a combater um memorial, que sobre o comunismo tinham elaborado os trabalhadores da região petrolífera.

Como se vê, na Roménia, assim como por toda a parte, os elementos revolucionários comunistas e anarquistas tem muito que lutar contra a tendência anarquista e reaccionária que está ameaçando o triunfo do socialismo.



## Nos operários da Indústria do Mobiliário

CAMARADAS:

E' assás difficil a situação que atravessa o nosso órgão na imprensa A BATALHA. Deixá-lo desaparecer sem o nosso iniludível apoio, mormente num período em que a sua situação de jornal de combate às instituições vigentes seriamente preocupa a burguesia, representa o estímulo à prática de monstruosidades que cotidianamente registamos. Assim, para que possamos contribuir para a sua estabilidade e para que vença as dificuldades ocasionadas pelo constante encarecimento do papel, a assemblea do nosso sindicato resolveu que todos os sindicatos hoje contribuíam com a quantia de \$50. Deste modo, em todas as officinas devem promover-se quetes com a contribuição mencionada e o seu produto ser entregue a esta comissão que se encontra na sede, das 18 às 24 horas.

Cumprir com o vosso dever, que só assim provareis a vossa dedicação ao órgão da organização operária portuguesa.

**Viva o jornal A BATALHA!**

A comissão administrativa do Sindicato Unico das Classes Mobiliarias de Lisboa.

Lisboa, 22 de Julho de 1920.

A Comissão Administrativa, — Eduardo Jorge, Carlos de Araújo, José dos Santos, Carlos Brando d'Almeida, Alexandre de Assis e Júlio Rodrigues.



